

CRÍTICA BIBLIOGRÁFICA

Three Worlds of Development. The theory and practice of International Stratification. Irving Louis Horowitz. New York. Oxford University Press. 1966. — 475 páginas.

Este livro é ambicioso. Diz-nos, em prefácio, o autor que a intenção é de propor... “uma linguagem que nos permita lidar com a estratificação internacional e fornecer uma ferramenta adequada para o trato dos fatos sociais”. Lamenta que as obras relativas ao desenvolvimento tenham sido, em mais das vezes, escritas sob as estreitas perspectivas fornecidas por uma disciplina única (a sociologia, a ciência política, ou a econômica, etc.). Declara que: “Se, tanto o pesquisador, como o cientista experimental, examinassem os fatos sob um ângulo integrado perceberiam os problemas em seu duplo aspecto: o geral, e particular. Cuida ter chegado o tempo de analisar a estrutura do processo de desenvolvimento, utilizando-se dos trabalhos efetuados, assim pelos centros de pesquisas como pelos analistas autônomos para o fim de alcançar-se uma reapreciação geral da gênese do problema.

Para obter os altos objetivos colimados, o professor Horowitz divide a obra em quatro partes. Na primeira discute a natureza geral do processo, (Social, política e econômica) repartindo o mundo em três.

O primeiro mundo compreende os Estados Unidos e a Europa ocidental. O segundo, a União Soviética e os países socialistas da Europa. O terceiro, os países da Ásia, África e América Latina.

Na segunda parte analisa as características sócio-econômicas, e a ideologia de cada um desses mundos.

A terceira compõe-se de vários capítulos onde discute as feições e problemas dos países subdesenvolvidos, como sejam as transformações

sociais, o papel das idéias e personagens carismáticas, o militarismo, as bases psicológicas do desenvolvimento econômico, etc.

A última parte é dedicada ao que, no sentir do autor, seria, acaso, uma teoria geral do desenvolvimento e revoluções.

O livro é ruim e pretenciosíssimo. Nada obsta a que se tente escrever um livro que integre os conhecimentos auferidos nas várias disciplinas, no propósito de alcançar uma visão mais clara, assim do processo de desenvolvimento, como dos obstáculos com que defronta. Admite-se que o objetivo não será alcançado sem que se sacrifique a profundidade que teria uma análise efetuada à luz de uma só disciplina. Concede-se, mais, que a pessoa familiarizada com uma, não tenha das mais ciências pertinentes, conhecimento tão acabado como o do especialista. Nada obstante, é lícito esperar, de quem se entrega a obra de tal vulto, que possui, quando menos, os conhecimentos básicos das disciplinas com que lidará. Em outras palavras, tem-se o direito de esperar, que pessoa de tal pretensão, conheça o suficiente das disciplinas de que versará, de sorte a não incorrer em erros teóricos grosseiros. Acresce, que também esperamos dela, tenha uma visão dos fatos sociais, passados e presentes, por modo a não tirar ilações das tendências históricas que sejam desmentidas pelos fatos, tão depressa a obra venha a luz. Infelizmente, não foi o que ocorreu com o Professor Horowitz.

Alguns poucos trechos coligidos de vários capítulos da obra não me deixam mentir.

Diz o autor na primeira parte: "A parcela básica das exportações dos países do primeiro e segundo mundo consiste, não de produtos primários, senão de bens manufaturados. A União Soviética mostrou-se mais sensível ao problema do desequilíbrio internacional entre as transações de matérias-primas e bens acabados, que os Estados Unidos." (pág. 27.) A realidade, no entanto, é que uma parcela surpreendentemente grande das exportações americanas consiste de bens primários. (Mais de 30% das exportações americanas nos meados da década dos 60 consistiu de alimentos e matérias-primas.) Por seu turno, a União Soviética também exportou matéria-prima em larga escala, tendo, ademais, no seu comércio com os países da Europa oriental, imposto-lhes, durante muito tempo, relações de trocas desfavoráveis. Adiante encontramos: "As nações do terceiro mundo têm, de regra, um único centro metropolitano, não se encontrando, nelas, cidades de tamanho médio ou centros urbanos que concorram entre si, dentro de suas fronteiras. Representam, dest'arte, cidades-estados altamente desenvolvidas, ilhadas numa área rural atrasada. O fenômeno é mais contraditório na América Latina" (pág. 34). Surpreende tal generalização, na pena do Professor Horowitz, tanto mais quanto, escreveu um livro sobre o Brasil, país que conta com mais de meia dúzia de cidades de porte médio, além do Rio de Janeiro e São Paulo, que seriam citadas, de imediato, por quem quer que lhe conhecesse a geografia. Isso, para não mencionar a Colômbia que possui vários

centros urbanos importantes (Bogotá, Cali, Medellín e Barranquilla). Sustenta ser os centros urbanos dos países em desenvolvimento, antes parasitas que promotores de progresso, já que tendem a explorar, através da burguesia nacional, a mão-de-obra e produto rural. Tal generalização dificilmente será aceita por quem quer que esteja familiarizado com as contribuições que São Paulo, Belo Horizonte, Medellín, entre outras cidades, deram ao desenvolvimento econômico.

No capítulo atinente às concepções ideológicas e sociológicas do desenvolvimento, depara-se com a afirmação de que foi o marxismo o primeiro sistema de ciência social, cujo enquadramento básico fêz-se em termos de modelo de desenvolvimento (pág. 55).

Onde ficam, então, os modelos de desenvolvimento de David Ricardo, autor que antecedeu Marx por mais de cinquenta anos?

A situação não melhora ao prosseguir-nos a leitura. Deparamos com a seguinte afirmação às páginas 123: "A África que, em sua maior parte, continuou a ser, economicamente, um depósito de matérias-primas, é, no terceiro mundo, o exemplo do mais alto grau de estabilidade política."

O leitor que conheça os sucessos, de há pouco no Congo ou tenha ouvido o que se passou, recentemente, em Gana e Nigéria, já terá estranhado a afirmação. Ao tratar da União Soviética: "O Marxismo poderá ter oferecido poucas orientações de como se planeja um império industrial, mas o fato de *per si*, teve a consequência de libertar as forças desenvolvimentistas, no contexto russo" (pág. 130). A maioria dos especialistas diria precisamente o oposto. A ideologia marxista dificultou o trabalho dos planejadores russos no que entende com a utilização de certas medidas que devem ser incluídas num plano de ação com vistas a obter-se uma distribuição eficiente dos recursos econômicos.

Citemos, por exemplo, a utilização da taxa de juros como meio de distribuir capital escasso. As tentativas para libertar o sistema de planejamento dos velhos grilhões ideológicos são de poucos anos para cá. Falando da China comunista: "Conteve-se a luta partidária a um mínimo, não ocorrendo, aí, no período pós-revolucionário senão choques muito menos violentos que os presenciados, pelos russos, nos primeiros anos da revolução. Conseqüentemente, não se fêz tanto uso do terrorismo aberto." (pág. 146). Basta que mencionemos, aqui, os expurgos de 1966 e as atividades da guarda vermelha. Desconserta-nos o modo como Horowitz se utiliza da terminologia econômica e sociológica. Exemplificando: Diz que os Estados Unidos são uma sociedade modernista, enquanto a União Soviética é uma sociedade estrutural. Em outras palavras, ao passo que os Estados Unidos enfatizam os fatores de consumo, os soviéticos dão preferência aos produtivos (pág. 149). Estivesse o autor mais familiarizado com a mais elementar terminologia econômica e saberia que por fatores de produção se entendem terra, trabalho e capital utilizados na produção de bens e serviços. A intenção do professor Horowitz era dizer que os

Estados Unidos dão mais importância à produção dos bens de consumo enquanto os soviéticos cuidam mais da produção de bens de investimentos, não destinando senão poucos recursos para a produção de bens de consumo. Ao que parece, no entanto, a tendência observada, na Rússia, nas décadas dos 60 não se coaduna com tal generalização. Não anda melhor o autor, quando discute o terceiro mundo. Afirma: "Os obstáculos ao desenvolvimento econômico existentes, nos dias que correm, nos países subdesenvolvidos, são, de muito, superiores aos que jamais desafiaram os observadores por isso que alcançaram, no passado, preeminência através do imperialismo econômico e político ao passo que as nações em desenvolvimento devem confiar, exclusivamente, em seus próprios recursos." (pág. 209.) Terão tido as colônias papel relevante na revolução industrial inglesa ou no desenvolvimento da industrialização alemã nos meados do século XIX? Se sim, o ponto não é pacífico. Por outro lado, que lhe adiantou à Espanha o império colonial em termos de desenvolvimento econômico? Noutra passo, mais adiante, depara-se-nos um parágrafo que deseja dar, integralmente, a fim de que se perceba o alto grau de ignorância do autor no que entende com os países em desenvolvimento. Às páginas 211 encontramos:

"Certas 'economias mixtas' do tipo das do Brasil e Índia, utilizaram, em grande escala, do planejamento centralizado para converter uma economia rural em industrial. Ocorre, porém, que êsses dois países vêm preferindo uma política mais gradual e descentralizadas. Em vez de procurar, deliberadamente, a industrialização através de uma política de intervenção direta, ambos tendem a aprimorar à agricultura, promover os serviços sociais, expandir o capital fixo nacional e estabelecer indústrias leves dispersa e de pequena escala."

Ocorre que a crítica mais freqüente a ambos êsses países é precisamente a de não terem aprimorado o setor agrícola. Nos últimos 15 anos os dois construíram grandes usinas siderúrgicas integralizadas. O Brasil implantou uma grande indústria automobilística e de construção naval sendo que no seu caso específico há uma concentração industrial exagerada no centro-sul.

Os erros históricos, não diminuem quando o autor discute o papel carismático das pessoas e partidos no que diz com a combinação das forças sócio-econômicas: "A liderança militar atual, no Brasil, é carismática sem conotações partidárias" (pág. 235). Mas o que ocorre é, precisamente, o contrário. É a ausência de liderança carismática que aflige o país. Falando do papel do militar nos países em desenvolvimento diz: "É digno de nota não ter ocorrido senão poucos golpes de estado nos países de partido único da Ásia e África, no período pós-colonial" (pág. 263). Os sucessos do último ano encontram, por completo, a afirmação. Às páginas 242 vem: "Chama atenção o fato de os chineses terem evitado a técnica dos expurgos políticos e das sanguinolentas lutas de facção que tiveram papel tão devastador na evolução da Rússia Soviética...". Afir-

mativa que os sucessos de 1966 desmentem categòricamente. Acresce que, não contente com êstes e outros erros históricos, o autor avança conceitos teóricos que não passam de erronias completas. Para citar um exemplo: Às páginas 344 afiança: "O desenvolvimento não depende tanto de uma alta produtividade, como de uma economia de energia humana *sem* a queda correspondente da produção material." Horowitz, acaso, já se preocupou em refletir um minuto sòbre a definição de produtividade?

Numa referência mais específica à América Latina diz o autor que, nesse continente "especialmente na Argentina e Brasil... os níveis educacionais melhoraram de geração a geração notando-se no entanto, uma relativa estagnação nos centros econômicos e produtivos." (pág. 353)

A realidade, no entanto, é que, logo após a guerra, o Brasil possuía 50% de analfabetos, situação que não se modificou de lá para cá.

O país teve um grande surto industrial nas décadas dos 50. A mão-de-obra qualificada não deixou de ser absorvida. Não há desemprego, em grande escala de profissionais qualificados que se entregariam, caso contrário, a atividades revolucionárias. O grande problema do Brasil é a incapacidade de absorver a mão-de-obra não qualificada que migra para as cidades, onde as indústrias de uso intensivo de capital não lhes pode dar ocupação.

Referindo-se, outra vez, aos Estados Unidos, às páginas 400: "A América do Norte manteve o consumo em massa, parte por ter vendido o produto excedente aos mercados estrangeiros." Absurdo total. As exportações não passam de uma fração de um por cento do P. N. B.

Grande parte do final do livro dedica-se a que, no cérebro do autor, seria uma formulação da teoria geral do Desenvolvimento.

Consiste num capítulo um tanto confuso, acêrca do *methadenstreit* à luz da sociologia dos modelos da sociedade conflitante *versus* a consensual e de um outro em que tenta destruir ou menosprezar as contribuições de Galbraith, Myrdal, Moore e outros. Espantou-me, de modo especial, a severidade do ataque aos escritos de Galbraith. Um exemplo é o trecho: "Segundo Galbraith, a falha mais grave do processo do desenvolvimento é a ausência de educação tanto popular como específica. Segue, assim, a doutrina do século XVIII da salvação pela ciência e razão." (pág. 401-2). E, adiante: "As recomendações de Galbraith não passam de um apêlo ao govêrno para que patrocine reformas econômicas baseadas numa crescente planificação. Nunca formula um modêlo de equilíbrio, segundo o qual teríamos a surpresa de ver o govêrno (qualquer, que fôsse) equacionar-se com o setor público, a emprêsa (qualquer que fôsse) com o privado e ambos com a teoria da sociedade harmônica." (pág. 402) "O raciocínio de Galbraith, continua, assemelha-se à posição dos comentaristas vitorianos do século passado, quando diziam da necessidade drástica de os trabalhadores, alçarem-se na escala econômica por seus próprios

meios"... "Espanta uma série de emissões, quando discute a natureza do processo espoliativo. Elas permitem que discorra sobre o desenvolvimento sem que mencione, uma única vez, o colonialismo internacional ou nacional." E assim prossegue o autor... Como amostra, porém, bastam as citações acima.

Antes de mais nada, advirta-se que as referências a Galbraith cingem-se a um único opúsculo (John Kenneth Galbraith; *Economic Development in Perspective*, Cambridge Mass. Harvard University Press, 1962) que colige as conferências do economista na Índia. A preocupação de Galbraith, no caso, limita-se aos problemas que assoberbam a Índia, nos dias que correm. Eram eles que as conferências focalizavam, e não a história do desenvolvimento econômico hindu, caso em que talvez coubesse uma discussão sobre a política colonial britânica. Considerando que a falta de pessoal treinado era o que fazia com que as usinas siderúrgicas hindus operassem abaixo de suas capacidades; considerando que muitos países, em vias de desenvolvimento encontram na escassez da mão-de-obra qualificada seu ponto crítico de estrangulamento; considerando que é a ignorância das massas o que torna quase impossível o controle da natalidade e considerando, finalmente, que é a explosão demográfica o que torna o desenvolvimento uma tarefa infinitamente mais difícil do que já é, não acabo de entender o porquê do tom pejorativo de Horowitz, ao comentar os valiosos horizontes que Galbraith rasgou. Efetivamente, Galbraith é um dos economistas que se esforçam por derrubar os muros levantados pelo enfoque que aborda a análise do desenvolvimento sob o ângulo de uma única ciência. Tem, pois, sua ironia observar o tom com que Horowitz procura destruir os argumentos de Galbraith.

Dada essa amostra dos erros históricos e teóricos cometidos pelo Professor Horowitz (o livro acha-se repleto deles), dificilmente poderemos aceitar-lhe a reivindicação de ser um sintetizador dos conhecimentos relativos ao processo do desenvolvimento ou confiarmos-lhe nas generalizações. Na verdade, quando verdadeiras, elas consistem ou num punhado de teorias mais que conhecidas, ou em afirmações acacias. O leitor poderá degustar-lhes o sabor nos seguintes passos:

"As páginas 29 fica dito que, "no terceiro mundo, sempre que o governo é exercido através dos três poderes, ou seja, no caso da América Latina, o poder legislativo tornou-se, em geral, a trincheira legal dos proprietários da terra o que faz com que tal forma de governar obste as reformas e iniba o progresso. Nos novos Estados em que a força do legislativo é nula ou quase nula o executivo é capaz de obter reformas mais rápidas". O ponto será interessante mas carece de novidade. As páginas 147 encontramos uma outra alusão a fato que ninguém ignora. Refere Horowitz que o desenvolvimento soviético teve um grande auxiliar no funcionalismo público nacional composto de pessoal russo pré-revolucionário, que não poderia ser facilmente afastado dos cargos como ocorreu com o funcionalismo colonial de muitos países da África. Acresce que não

havia laços, de fato ou função, entre o burocrata russo e as outras classes, que compunham o regime classista soviético, de sorte que poderia colaborar diretamente com o poder político. Tudo verdade. Ressalve-se porém, que em muitos países da África, as repartições públicas continuam repletas de consultores vindos do período colonial.

O "Grande finale", porém, é o último capítulo. Nêle Horowitz nos oferece 22 páginas onde pululam aforismos sôbre o processo do desenvolvimento econômico. Não me posso furtar de transcrever alguns dêles:

- i — O mundo social é a totalidade das forças humanas.
- i-i — O mundo social compõe-se da totalidade dos processos e estruturas, não de objetos e idéias.

E prosseguindo:

- 6 — A desapropriação é a redistribuição da riqueza nacional através de atos coercitivos, praticados pela autoridade pública.
- 6-i — As formas de desapropriação determinam o tipo da estrutura social.

É pena que o Professor Horowitz não tenha escrito seu livro em Latim, pois nesse caso, pelo menos essa última seria digna companheira dos "caveant consules" e "si vis pacem para bellum" que o Machado, na sua teoria do Medalhão, diz ser de bom aviso trazermos no bôlso para os discursos de sobremesa dos banquetes da campanha eleitoral.

Há, mais, porém:

- o — Quem diz desenvolvimento econômico pleno, diz preeminência absoluta. E esta, nos dias que correm, avalia-se em termos de níveis materiais de produção, distribuição e consumo.
- o-i — Entendendo-se desenvolvimento por preeminência, o conceito poderá chocar-se e terçar armas com a concepção de desenvolvimento pleno da personalidade.

Ao volver a última página do livro do Professor Horowitz quase somos inclinados a dizer: "quem tem telhado de vidro não joga pedras no vizinho".

Dir-se-á que o Professor Horowitz poderá não ter escrito uma obra original ou uma síntese nova, mas que redigiu um livro útil que dá no que pensar.

Receio que um trabalho tão eivado de erros e falhas de apreciação não sirva sequer para texto.

WERNER BAER
(*Vanderbilt University*)